

Resenha | Dossiê História Oral: experiências, trajetórias e percursos de pesquisa

FERREIRA, Marieta de Moraes; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora; São Paulo: Letra e Voz, 2024. 208 p.

Passado e presente de uma história oral em relação

The past and present of a relationship in oral history

Pasado y presente de una historia oral en relación

Ulisses M. R. Franco

Mestrando em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
Universidade de São Paulo   

São muitos os livros que podemos listar como pontos de partida para quem deseja conhecer e se aprofundar no campo de pesquisa, aplicar a metodologia ou refletir sobre as questões que a história oral possibilita¹. Além disso, dado o acúmulo de iniciativas brasileiras que delinearão o campo da história oral e como fazê-la, temos muitos marcos e registros da memória coletiva dos grupos que a praticam². A história oral brasileira institucionalizou-se na Associação Brasileira de História Oral (ABHO) em 1994, um marco de memória importante, cujo registro e posterior valorização expõem a consolidação de práticas, temas e debates que os agentes empreendedores desse campo mobilizaram como seus. Ainda assim, para pesquisadores iniciantes, que buscam progressivamente estabelecer relações, seja com o método, seja com pessoas que

¹ Para citar alguns, desde os seminários *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (Bosi, 1979) e *História oral: experiência do CPDOC* (Alberti, 1990), passando por *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral* (Ferreira, 1998), *Usos & abusos da história oral* (Ferreira; Amado, 1996), *Manual de história oral* (Meihsy, 1996), *História oral: desafios para o século XXI* (Ferreira; Fernandes; Alberti, 2000), e *Manual de história oral* (Alberti, 2004a), até *Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral* (Hermeto; Santhiago, 2022).

² Cf. Santhiago (2013) para mais detalhes sobre a história da história oral no Brasil.

já trabalham na área, a profusão do campo pode trazer dificuldades no estabelecimento de apoios úteis às tarefas de revisão bibliográfica e de construção de cronologias, que situam colegas, parceiros e temas em meio a cursos, debates e encontros com diferentes escalas e resultados ao longo dos anos.

Como pesquisador em formação, considero que o livro *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO* colabora nessas duas tarefas, pois é um convite tanto para visitar pesquisas e debates desenvolvidos por quem produz história oral quanto para situar os marcos da memória coletiva de uma parte do grupo que colabora e constrói a ABHO. Ainda que pareçam tarefas solitárias, os textos *de* história oral e *sobre* história oral são marcados por sua origem como produto da elaboração dialógica da memória e como material que registra determinada memória em certo momento histórico (Alberti, 2004b), sendo que a evidenciação da autoria e a implicação subjetiva apresentam-se como qualidades importantes. Portanto, são textos que nos colocam, leitores, *em relação*. Essa é uma obra que não explora, explicitamente, os debates internos mais recentes acerca de como a associação deve existir ou intervir no campo acadêmico e que trata de forma tangencial das formas como a história oral dialoga, concretamente, para além da esfera acadêmica – diálogos desafiadores que persistem. Mesmo assim, a sua produção coletiva é bem-sucedida na apresentação de como alguns praticantes da história oral brasileira se relacionam com a instituição, quais são as suas principais preocupações e de como essa prática tem sido feita em diálogo com outras áreas de pesquisa nos últimos anos a partir de diversos pontos de vista e possibilidades temáticas.

Evidente desde o título, o livro coletivo foi pensado e organizado por Marieta de Moraes Ferreira (eleita presidenta quando a associação foi fundada) e Ricardo Santhiago (atual presidente) para ser lançado na data comemorativa das três décadas de criação da ABHO. Duas casas editoriais apoiam a dupla: a FGV Editora, do Rio de Janeiro, e a Letra e Voz, de São Paulo, reconhecidas incentivadoras e fiadoras das práticas e reflexões da história oral brasileira desde o seu início e ao longo de seu desenvolvimento. Nos dezesseis capítulos, temos

convites para entender um pouco melhor como determinados aspectos metodológicos, debates teóricos, temas, locais e pessoas organizaram-se no desenvolvimento do campo de pesquisa após a fundação da associação. Desse modo, a obra colabora na caminhada de quem está começando a pesquisar história oral, enquanto, para quem já tem mais experiência, configura-se como apoio no esforço de reconstruir e sintetizar os anos de escutas, diálogos, ponderações e pesquisas realizadas até então.

Como os organizadores apontam, o objetivo é agregar os debates plurais e diversos da história oral brasileira, além de favorecer a continuidade da produção de forma compromissada com a escuta sensível e crítica, ou seja, empreender uma revisão e marcar certa memória institucional propositiva na chave do “a partir daqui”. Dessa forma, junto às revisões da própria experiência ou trajetória acadêmica, há levantamentos bibliográficos sobre os diálogos da história oral com áreas de pesquisa, como trabalho, formação de professores, relações étnico-raciais, estudos sobre juventude, artes e esportes, além de história da ditadura, história ambiental e história transviada, sendo que a maioria dessas abordagens considerou o que foi produzido e publicado na revista *História Oral*, desde a sua criação, em 1998, como iniciativa da ABHO.

Depois da introdução dos organizadores, os capítulos estão divididos em três partes e foram escritos por autores e autoras consolidados no campo. A divisão apresenta um recorte temático, que agrupa capítulos com propostas, preocupações, debates e questões similares com relação ao método, às implicações sociais da prática da história oral e aos temas presentes atualmente na agenda da instituição.

A primeira parte da publicação, “A plasticidade do método”, trata de teoria, ética e trajetórias de pesquisadores. Os capítulos argumentam, primordialmente, sobre como a história oral nos últimos anos constitui-se como prática na qual escuta, diálogo e interação entre diferentes são o eixo central em qualquer local em que seja produzida. Assim, nessa plasticidade da história oral, existe unidade. O capítulo de abertura, escrito por Ângela de Castro Gomes e

Verena Alberti, é uma surpresa cativante, pois, sabendo que o seu produto final seria um texto, as autoras apresentam um diálogo sobre as suas experiências de pesquisa e como as reflexões teóricas derivam, diretamente, da prática de entrevistar, transcrever, arquivar e analisar narrativas de memória. Construindo conhecimento por meio do diálogo – característica marcante da história oral –, as autoras apresentam reflexões importantes acerca de fontes, “histórias citáveis”, utilização de entrevistas arquivadas e documentos-monumentos de memória, por exemplo.

O capítulo seguinte, uma intervenção teórico-política de Carla Simone Rodeghero, expõe como as relações entre prática de pesquisa e ética precisam ser pensadas na especificidade da história oral quando comparadas a outras áreas do conhecimento. Para a autora, que integra o grupo “História oral e ética em pesquisa”, da ABHO, a comunidade de praticantes da história oral no Brasil dispõe de acúmulo de repertório relacionado a práticas responsáveis e respeitadas, embasadas eticamente. Nesse sentido, não é possível escutar outras pessoas, dizendo que fazem história oral, sem que existam respeito, presença integral, implicação ética e compartilhamento social. Portanto, os comitês precisam reconhecer e valorizar aquilo que os envolvidos na comunidade de praticantes definem como o seu próprio conjunto de cuidados e bons procedimentos.

Fechando a primeira parte, os capítulos de Ana Maria Mauad e Fernando Cesar Sossai sinalizam sobre como a história oral demanda um compromisso de vida e contato coletivo, pois abordam a formação e a trajetória de pesquisadores a partir de dois laboratórios voltados à história oral. Como relatos de experiência, ambos acentuam a importância de iniciativas que colocam jovens pesquisadores para trabalhar junto com comunidades não acadêmicas, com destaque para o Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (Labhoi-UFF), no qual Mauad se formou e atua, e para o Laboratório de História Oral da Univille, coordenado por Sossai e onde ele desenvolveu um projeto com graduandos na interface com a história pública.

Na segunda parte da obra, “O vasto campo da história oral”, constam debates associados a aspectos da experiência humana recorrentes em situações de entrevista, como a construção de narrativas de vida, a elaboração de identidades, a delimitação de espaços de vivência e a explicitação de compromissos com determinadas posições religiosas e políticas. Os textos partem de experiências ou temas de pesquisa, apresentando, em seguida, um panorama de como as suas questões vêm sendo tratadas nos debates do campo e na intersecção com outras áreas de pesquisa. Nesses casos, o diálogo, por vezes, parece bastante desafiador pela especificidade das fontes orais e dos contextos em que são produzidas. Os autores, porém, demonstram como vêm favorecendo reflexões interdisciplinares e colaborativas a partir da dimensão dialógica das entrevistas. O resultado, debatido em alguns dos capítulos, é que a própria prática da história oral e a sua instituição também se transformaram nessas aproximações e trocas.

Regina Beatriz Guimarães Neto e Antonio Torres Montenegro, por exemplo, abordam o tema do trabalho no Brasil e defendem que os relatos orais não podem ser recurso para ilustrar determinada realidade ou servirem como mera complementação documental. Na verdade, são práticas discursivas produtoras de pontos de vista que colaboram para a composição de narrativas historiográficas comprometidas ética e politicamente. Na sequência, Maria Paula Araujo e Samantha Quadrat aproximam as contribuições da história oral ao campo da história da ditadura militar brasileira argumentando que a história oral está entre as práticas que colaboram para o desenvolvimento da historiografia sobre períodos traumáticos, possibilitando a aproximação com vivências que não estão nos jornais e nas legislações da época. Nessa perspectiva, conforme apontam as autoras, o cenário da pesquisa nessa intersecção já é mais amplo e diverso do que somente “esquerdas”, “movimentos sociais” e “militares”, uma vez que os seus praticantes têm buscado, cada vez mais, outras vozes e experiências. Da mesma forma, o capítulo de Andréa Casa Nova Maia e Marcos Montysuma historiciza e contextualiza as contribuições da história oral aos debates da história ambiental, principalmente a partir de pesquisas

desenvolvidas sobre a região amazônica. Segundo eles, nas primeiras décadas do século XXI, a revista *História Oral* e os encontros da ABHO favoreceram a difusão de estudos, com inúmeros artigos publicados na revista entre 2006 e 2019, além de pelo menos três dossiês e dois números que abordam exclusivamente esses temas.

O capítulo de Livia Moraes Garcia Lima defende a articulação entre os resultados de pesquisas de história oral e a luta por direitos e políticas públicas para velhos, uma vez que não se poderia separar a história oral da história pública e do debate sobre autoridade compartilhada. Segundo ela, quando as histórias de velhos são ouvidas, ampliadas e divulgadas no espaço público, a história oral comprometida politicamente possibilita ir além da pesquisa acadêmica e ser suporte de intervenção social. Essa ideia de prática compartilhada com impacto social amplo aparece também nas pesquisas sobre trajetórias de pessoas envolvidas com a educação, como salienta o capítulo de Aliny Dayany P. de M. Pranto, Everardo Paiva de Andrade e Juniele Rabêlo de Almeida. Pensando o capítulo como veículo de intervenção nos debates da própria ABHO – caminho interessante que nem todos os textos percorrem –, os autores defendem maior valorização de simpósios, grupos de trabalho e publicações que tratem do tema. Da mesma forma, sugerem que a instituição apoie e colabore, cada vez mais, com iniciativas de constituição de acervos acessíveis e integrados entre grupos de pesquisa, como é o caso da Rede Trajetórias Docentes.

A terceira parte do livro, “Temas urgentes, temas emergentes”, reúne reflexões, temas e abordagens que não estavam presentes no início das atividades da ABHO e que se tornaram prementes nos últimos anos. Para Dernival Venâncio Ramos Júnior, Idelma Santiago da Silva e Airton dos Reis Pereira, por exemplo, é necessário insistir na produção de uma história oral localizada e desconstrutora de paradigmas coloniais. A partir de práticas de pesquisa no contexto amazônico, os autores centralizam a questão das alteridades e das territorialidades como o vetor que permite reconsiderar quem, onde e com quem se faz pesquisa.

Defendem, então, uma história oral que seja socialmente comprometida e favorecedora da construção de comunidades político-epistêmicas. Tal esforço é compartilhado por aqueles que tratam da história social da experiência negra e dos movimentos sociais antirracistas no Brasil a partir da história oral, como Samuel S. R. de Oliveira e Roberto Carlos S. Borges, no capítulo seguinte. Os autores exploram como a prática das entrevistas é atravessada por marcadores sociais de raça de forma consciente ou não, sendo que essa prática envolve, frequentemente, um processo de racialização dos corpos e possibilita, justamente, a desnaturalização de posições sociais. Dessa forma, como questões que precisam ter mais espaço nas preocupações e iniciativas da ABHO, percebemos que os autores defendem um ponto de partida para a prática da história oral pautado na partilha de um compromisso ético-político antirracista entre entrevistadores e entrevistados.

Enquanto a temática racial assume presença mais consolidada nos debates da história oral brasileira, Gabriel Amato expõe como os jovens e as juventudes têm recebido pouca atenção. Para o autor, existe uma dicotomia reducionista, que opõe jovens – vistos como inexperientes e impossibilitados de desenvolver operações profundas da memória – e velhos – aqueles responsáveis por excelência pelo lembrar coletivo –, a qual resulta na pouca quantidade de trabalhos nacionais e internacionais que conseguem superá-la. Como exemplos do que já foi produzido no Brasil, o autor aponta iniciativas de história oral da União Nacional dos Estudantes que abordaram memórias sobre a juventude militante e pesquisas sobre as experiências das juventudes no presente, em especial a juventude periférica e trabalhadora e o movimento secundarista da década de 2010. O autor conclui, afirmando que, tanto no caso das memórias *sobre* as juventudes como nas memórias *da* juventude, há muito o que se fazer para a sua consolidação como área de pesquisa.

O capítulo “História Oral e História Transviada no Brasil”, composto por Benito Bisso Schmidt e Ronald Canabarro, é exemplar na reflexão sobre o que a história oral brasileira tem produzido e como a associação deve posicionar-se.

Segundo o texto, parece existir uma contradição entre a quantidade de teses e dissertações, produzidas desde 1994, afirmando utilizar a história oral para abordar a história transviada e a quantidade de pesquisas sobre as sexualidades e identidades de gênero publicadas na revista *História Oral* ou apresentadas nos encontros da ABHO. No levantamento apresentado, identificou-se que as entrevistas de história oral são o segundo tipo de fonte mais utilizada, mas isso não tem se refletido nas atividades da associação ou nas edições da revista e, portanto, algo precisaria ser feito em âmbito institucional. Considerando esse problema, assinalo a concessão do Prêmio ABHO de Teses Ecléa Bosi à doutora Lauri Miranda Silva como importante marco institucional ocorrido em 2024, no mesmo evento em que o livro foi publicado. Sua tese trata das memórias de militantes LGBTQIA+ em Rondônia e ela é a primeira mulher trans doutora em História no país³, o que demonstra como essa é uma preocupação mais do que teórica dos associados.

O penúltimo capítulo da obra apresenta o desenvolvimento da história oral e dos estudos do esporte como campos de pesquisa no Brasil a partir da segunda metade do século XX. O objetivo de Bernardo Buarque de Hollanda e Raphael Rajão Ribeiro é demonstrar como existem movimentos similares na consolidação dos dois campos, além de certos cruzamentos nas produções – ainda que bastante recentes – e também possibilidades de contribuições mútuas a partir de projetos com interfaces públicas ou que busquem intervir no debate a partir da história pública. Já o texto de Miriam Hermeto, “História oral e artes: possibilidades e desafios para um campo e uma instituição”, fecha o livro refletindo sobre como tem acontecido a relação entre história oral e estudos das artes a partir de duas entrevistas públicas. A sua conclusão questiona, de forma direta, as iniciativas que a ABHO e os praticantes da história oral têm realizado e o que podem fazer para aprofundar a relação com artistas a partir das demandas da história pública, sem que as entrevistas sejam pensadas como coleta de informações complementares, mas sim como performances

³ Cf. Lauri [...] (2024).

colaborativas que podem desdobrar-se na publicação de livros, na produção conjunta de álbuns musicais, exposições ou outros produtos. Assim, para a autora, a história oral pode (e precisa) aproximar-se mais da história pública sem o receio de deixar de ser atividade crítica e problematizadora das memórias.

O desafio do diálogo é um panorama dos debates e produções que os autores têm se envolvido nos trinta anos desde a fundação da ABHO. Os “desafios” estão tanto na relação da história oral com outras áreas de pesquisa como dentro do próprio campo, que tem propostas e compreensões diversas sobre o que e como faz. Muito mais já foi escrito sobre como pode ser praticada a história oral brasileira, assim como existiram debates, encontros e pesquisas anteriores à existência da associação. O livro é um recorte, e assume isso explicitamente. Como revisão do próprio campo e empreendimento de memória, reúne e apresenta – mais do que alinha e demarca – alguns temas, debates teórico-metodológicos e práticas de pesquisa. Além disso, é propositivo com relação aos rumos da entidade, instiga a novas experimentações e nos convoca a desenvolver projetos colaborativos e a ter práticas mais atentas aos públicos. Acompanhando as “reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO”, como assinala o subtítulo, a obra é convite para participar do diálogo e intervir nele, agir para que a história oral brasileira e a associação, apesar de todos os desafios, lacunas e dificuldades, continuem a ser espaço de produção coletiva, diversa e comprometida ética e socialmente.

Referências

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV; FGV Editora, 1990.

ALBERTI, V. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004a.

ALBERTI, V. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004b.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

FERREIRA, M. M. (coord.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; CPDOC-FGV, 2000.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.

HERMETO, M.; SANTHIAGO, R. *Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2022.

LAURI Miranda Silva recebe o Prêmio ABHO de Teses Ecléa Bosi. *Notícias, Associação Brasileira de História Oral*, Rio de Janeiro, 7 set. 2024. Disponível em: https://www.historiaoral.org.br/informativo/view?ID_INFORMATIVO=232. Acesso em: 29 abr. 2025.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SANTHIAGO, R. *Método, metodologia, campo: a trajetória intelectual e institucional da história oral no Brasil*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.